

ALTERNATIVAS PARA SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: AS RAÍZES DA PROPOSTA

Silene FONTANA,¹
Aparecida Marcianinha PINTO ²

RESUMO: O texto consiste em uma discussão teórica da proposta de Libâneo (1976) para aceleração escolar que, embora seja exibida como uma inovação no sistema escolar paulista, uma questão *contemporânea*, já foi objeto de discussão e análise na década de 70. Os estudos sobre os benefícios deste tipo de organização encontram-se em crescente processo de consolidação, embora não haja ainda um corpo teórico que se imponha hegemonicamente nos meios acadêmicos. Libâneo, já propunha classes onde os alunos avançassem várias séries em um só ano. A metodologia utilizada é o estudo sistemático comparativo do programa proposto por este autor na década de 1970 e a atual proposta das classes de aceleração. Explicitaremos alguns princípios norteadores da proposta da Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo (Reorganização da trajetória escolar: classes de aceleração), confrontando e comparando com a proposta de Libâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Fracasso escolar; aceleração escolar.

Alternativas para superação do fracasso escolar

A necessidade de se combater o fracasso escolar é um problema a ser enfrentado por toda sociedade brasileira. Não é de hoje que existe a preocupação de melhorar a qualidade da educação. Essa necessidade e preocupação conduziu a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo a implementar o *Projeto reorganização da trajetória escolar: classes de aceleração*, cujo objetivo é reintegrar o aluno, com defasagem idade-série, ao processo de ensino aprendizagem. Colocá-lo em série compatível com sua idade cronológica.

Segundo alguns dados dos documentos oficiais, o Projeto introduz alguns elementos inovadores tais como: resgate da auto-estima, capacitação de professores e o envolvimento da família. Conta ainda com apoio de supervisores e material didático apropriado à esta faixa de alunos – acima de 10 anos –, que apesar da idade avançada, estão em processo inicial de alfabetização.

O Projeto teve início em 1995, mas somente foi implantado na rede estadual em 1996. Inicialmente, a Secretaria de Estado optou pela implantação do Projeto no âmbito da Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana (COGSP), onde 21 Delegacias de Ensino foram selecionadas,

¹ Diretora de EMEF – São José do Rio Preto/SP.

² Unesp/Marília.

pois apresentavam altos índices de evasão e repetência. Em 1997 o número de escolas participantes expandiu-se para 801, sendo 300 na COGSP e 501 na CEI.

Materiais de apoio pedagógico das Classes de Aceleração: Proposta Pedagógica Curricular das Classes de Aceleração; Documento de Implementação do Projeto; Livro do Professor; Livro do Aluno; Folhetos Informativos aos Pais e/ou Responsáveis.

Além disso, recebem durante o ano: assinatura da revista *Veja* ou *Isto É*; assinatura da revista *SuperInteressante*; assinatura da revista *Nova Escola*; dez livros sobre educação.

Libâneo (1976), nos oferece duas alternativas para dois graves problemas que, particularmente, afetam o sistema escolar goiano: o congestionamento do ensino de 1º grau com excessiva taxa de matrícula dos alunos que se encontram fora das idades próprias de escolarização; o alto índice de deserções (alunos evadidos e repetentes) nas quatro primeiras séries do ensino de 1º grau.

Alerta que os primeiros anos do ensino fundamental sempre foi organizado pedagogicamente para crianças, mas historicamente vem atendendo uma clientela pré adolescente e adolescente. Jovens com interesses diversos daqueles que a escola planeja administrativa e pedagogicamente. Para Libâneo as alternativas de solução para correção do fluxo seriam: adequação metodológica e curricular (para evitar-se a evasão); e mudanças no âmbito da administração escolar (distorção na idade para a série freqüentada).

A maioria das idéias reunidas em seu livro foram vivenciadas em um Programa de Recuperação e Aceleração Escolar de Adolescentes, no período de 1967 a 1972, no bairro da Lapa, em São Paulo. Explicita ainda os fatores que explicam a circunstância no atraso da escolaridade: repetência; interrupção dos estudos; início tardio de escolaridade; fragilidade e instabilidade dos conhecimentos adquiridos nos primeiros anos de estudos.

Define aceleração de estudos de duas formas. A primeira refere-se a redução do tempo de duração dos estudos fora da idade própria. A segunda refere-se à compensação ou anulação dos efeitos cumulativos dos sucessivos insucessos escolares. Para o autor primeiro deve-se recuperar o aluno, em seguida acelerá-lo e depois reintegrá-lo em salas comuns.

Conclui que, se os sistemas de ensino não traçarem medidas eficientes para combater a repetência, todas as grandes metas das políticas educacionais brasileira estarão comprometidas, pois todo sistema tem com uma de suas tarefas fundamentais a garantia de atendimento de grupos etários

defasados. Com isso assegura-se a correção de fluxo e abre-se, ao mesmo tempo, vagas para alunos na idade escolar própria pois, os interesses e motivações de grupos-adolescentes não são os mesmos de alunos mais novos, deste modo, necessitam de orientação curricular e metodológica adequadas. Libâneo (1976) afirma que a baixa auto-estima gerada pelos sucessivos fracassos, “fracasso acumulado”, gera à desistência da escola e para atender estudantes “mal-sucedidos” na vida escolar, as salas aceleradas seriam fundamentais. Estes alunos defasados produzem incalculáveis transtornos à administração e ao currículo escolar, como solução já sugeria programas pedagógicos especiais que agrupassem alunos com atraso de idade e para os quais seriam previstos currículo, metodologias, técnicas didáticas e processos específicos de avaliação.

Segundo esse autor, são duas as soluções admissíveis para correção do fluxo etário. A primeira consiste no planejamento de cursos equivalentes a 1º grau, em regime acelerado de caráter supletivo. A segunda consiste em criar condições, dentro do sistema regular-padrão, de introduzir na organização escolar orientação curricular e metodológica adequada às idades realmente atendidas.

A primeira experiência de aceleração escolar ocorreu em 1969 e está contida no Plano Estadual de Educação do Estado de São Paulo, onde é abordado a questão dos “alunos atrasados, por deficiência própria ou do ambiente social a que pertence”, onde são propostos cursos de readaptação e recuperação.

De acordo com esse autor são considerados defasados os adolescentes e adultos que, por deficiência própria do sistema escolar ou do ambiente cultural, encontram-se matriculados em séries do ensino de 1º e 2º graus fora das idades próprias (de acordo com os padrões vigentes), ou que não se encontram no nível de escolaridade esperado para suas idades.

O Relatório de Avaliação/ 97 do Projeto Reorganização da Trajetória Escolar : Classes de Aceleração, apresenta como objetivo ‘propiciar ao aluno com defasagem idade série a oportunidade de reintegrar-se ao processo de ensino-aprendizagem em série mais compatível com seu grupo etário e, dessa maneira, avançar ou retomar com sucesso, o percurso escolar estabelecido pelo sistema de ensino’.

Voltando aos dados, tanto da década de 1970 como da década de 1990, é interessante constatar que os problemas gerados pelo fracasso escolar ainda permanecem os mesmos, apesar das várias ações desencadeadas que as Secretarias de Educação propõem:

Apesar da situação do primário ser assustadora no que se refere às distorções idade/série escolar, é mais grave a realidade do ginasial. A maioria dos alunos matriculados na 1ª série do antigo ginasial (atual 5ª série do 1º grau) está com 14 anos ou mais (68,7%), quando a idade tida como normal seria de 11 anos. Sua ocorrência incide, principalmente, a partir da 5ª série do 1º grau e é fenômeno que instiga a criatividade dos sistemas estaduais de ensino. (Libâneo, 1976, p. 27-34)

A significativa parcela de alunos que apresenta defasagem de idade, em relação à série que estão matriculados, mostra que a repetência e suas causas constitui um problema inadiável, a ser enfrentado pelas escolas e pela administração do sistema de ensino.

Na análise da defasagem, verifica-se que até a 4ª série os índices aproximam-se de 30%, e passam de 40% a partir da 5ª série. (Proposta Pedagógica Curricular-C. A.)

Embora soluções para esta grave distorção do ensino de 1º grau tenham sido percebidas por volta de 1966, nos Estados de São Paulo, Paraná e Guanabara, é no Plano Setorial de Educação e Cultura 1975/79 que aparece o Subprojeto 7.3 denominado "Desenvolvimento de Novas Metodologias Aplicáveis ao Processo de Ensino-Aprendizagem para o ensino de 1º grau", segundo o qual devem ser promovidos a quinquênio 75/79 "benefícios na organização e funcionamento do sistema de ensino na área de 1º grau, relacionados com :

- a) correção do fluxo de alunos de 1ª para 2ª série;
 - b) correção das distorções idade/série escolar no ensino de 1º grau".
- (DEF/MEC, 1974 apud Libâneo, 1976, p. 32)

Isto demonstra mais uma vez o que confirma a história da educação no Brasil, ou seja, grandes investimentos, programas ousados e inovadores, grandes iniciativas.

O que necessitamos e precisa ser mudado é a reversão e extinção da repetência nas classes comuns ou regulares. O que hoje, a meu ver, é mais grave e reflete o fracasso escolar , não é mais a reprovação, mas sim a aprovação automática. Um *empurrar-se para frente*, onde o aluno conclui sua escolarização básica, mas na realidade, não adquiriu um conhecimento que possa garantir seu sucesso ou integração social.

Se tantos autores, há tanto tempo, apontam caminhos ou diretrizes para que se resolva o problema do fracasso escolar, não só dos defasados idade/série mas de todas as crianças matriculadas nas escolas públicas, não é possível compreender então por quê o problema está ainda tão presente em nosso cotidiano escolar. O que se tem criado e disseminado são, como disse José Bueno, "muletas para não se ensinar na escola regular".

Outro fator considerado por Bueno sobre as Classes de Aceleração é que, se é um projeto ele deve ter um fim pré determinado e não “quando houver condições”. Anísio Teixeira em 1930, já dizia que todo professor precisaria ter ensino superior “quando houvesse condições”. Os projetos de aceleração de estudos também precisam ser auto-suicidas e depois a própria escola deve construir mecanismos para acabar com seu fracasso escolar. Fracasso este que não mais está sendo sinônimo de reprovação e o que é muito mais grave, o problema pode estar sendo camuflado e suas conseqüências podem ser desastrosas e irreversíveis.

O problema a ser discutido atualmente é por quê são tantos os fracassados no ensino brasileiro? O conteúdo e a metodologia são inadequados? Onde estão os desvios? Será falta de preparo dos professores para lidar com alunos defasados idade-série? Os alunos são desinteressados ou são filhos de pais ausentes?

O importante é buscar soluções dentro da escola e parar de procurar culpados. Os programas de ensinos devem ser pensados para contemplar todos os alunos e não mais serem articulados apenas para os que conseguem aprender (aluno ideal).

Concluindo, ainda temos escolas ruins onde pouco se aprende e muito se repete e também escolas onde não se reprova mas também não se ensina e nem se aprende. Por outro lado, há profissionais comprometidos com a educação e se empenhando para que a escola cumpra seu papel social. Projetos de correção de fluxo são importantes desde que contemplem três princípios: equidade, eficácia e relevância. Mais importante do que projetos que corrigem o fluxo é que a escola pare de produzir novos repetentes. Crianças têm problemas de ensino e não de aprendizado. Mudanças em educação são a longo prazo e como disse Mao-Tsé-Tung: “volte daqui a mil anos para ver o que aconteceu.” Não desejamos esperar tanto tempo, mas desde 1970, quase trinta anos se passaram e o fluxo ainda não foi corrigido. Educação é assunto de todos e seus problemas devem ser por todos assumidos

Quadro 1 - Pontos de concordância

Aspectos Considerados	Libâneo (1976)	Reorganização da Trajetória Escolar : C. A. (1996-)
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - contínua, feita pelo professor para indicar nível de progresso; - freqüente; - preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos; - auto-avaliação (amplamente utilizado); - anotações (prontuário) 	<ul style="list-style-type: none"> - diagnóstica e permanente, indicando os progressos e dificuldades dos alunos; - avaliação final - "Diretrizes para Avaliação e Parâmetros para Encaminhamento dos alunos das C. A."
Classes	<ul style="list-style-type: none"> - não devem ser numerosas (facilitando o atendimento individual); - agrupadas (alunos de diferentes classes) 	<ul style="list-style-type: none"> - mínimo 20 e no máximo 25 alunos.
Professor	<ul style="list-style-type: none"> - capacitado para trabalho com alunos defasados 	<ul style="list-style-type: none"> - capacitação e acompanhamento técnico. (escola supridas com recursos didáticos e materiais adequados).
Equipe Técnica	<ul style="list-style-type: none"> - produção de material didático; - orientação e planejamento do currículo 	<ul style="list-style-type: none"> - baixará normas complementares; - acompanhamento técnico; - fornecimento de recursos didáticos e pedagógicos (Proposta Pedagógica Curricular; Livro do Professor e Livro do Aluno)
Defasados Idade/Série	<ul style="list-style-type: none"> - alunos com dois ou mais anos de atraso escolar em relação à idade (formarão as "classes de aceleração"). 	<ul style="list-style-type: none"> - todos os alunos que tenham ultrapassados em 2 anos ou mais a idade regular prevista para série em que estão matriculados
Promoção dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> - dependerá da assiduidade e do aproveitamento escolar apresentado. (entende por aproveitamento a capacidade atualizada do aluno considerando-se as condições reais de realização de cada um). 	<ul style="list-style-type: none"> - 75% de freqüência em relação ao total dos dias letivos; - atingir os níveis de aprendizagens estabelecidos pela Proposta Pedagógica das C.A.

Referências Bibliográficas

LIBÂNEO, J. C. *Aceleração escolar: estudos sobre educação dos adolescentes e adultos*. Goiânia: Colégio Carlos Chagas, 1976. 194 p.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Resolução SE – 77/96 dispõe sobre as Classes de Aceleração na Rede Estadual de Ensino – São Paulo: [s.n.], 199-.

SÃO PAULO (Estado) . Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental* : classes de aceleração: proposta pedagógica curricular. São Paulo: FDE, 1997. 146 p.

SÃO PAULO (Estado) . Secretaria de Estado da Educação. São Paulo: FDE, 1996. 232 p.

SÃO PAULO (Estado) . Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Classes de aceleração: aprender pra valer !* – módulo 1. São Paulo: FDE, 1996. 110p.

SÃO PAULO (Estado) . Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o desenvolvimento da Educação. *Classes de aceleração: ensinar pra valer !* – avaliação - aprender pra valer! São Paulo: FDE, 1997. 11 p.

ZERO para a repetência : classes de aceleração. São Paulo: FDE, 1996. vídeo.

